

(Alunos do 2º ano do Curso de Formação em Psicanálise).

DA LINGUAGEM DOS AFETOS LINGUAGEM SIMBÓLICA.

Articulação dos Conceitos de Objeto e Pulsão,
Luto e Símbolo na Obra de Melanie Klein".

DORES DO MUNDO

"Assim como um regato corre sem ímpetos, enquanto não encontra obstáculos, do mesmo modo na natureza humana, como na natureza animal, a vida corre inconsciente e descuidosa, quando coisa alguma se lhe opõe à vontade. Se a atenção desperta, é porque a vontade não era livre e se produziu algum choque. Tudo o que se ergue em frente da nossa vontade, tudo o que a contraria ou lhe resiste, isto é, tudo que há de desagradável e de doloroso, sentimo-lo ato contínuo e muito nitidamente. Não atentamos na saúde geral do nosso corpo, mas notamos o ponto ligeiro onde o sapato nos molesta; não apreciamos o conjunto próspero dos nossos negócios, e só pensamos numa ninharia insignificante que nos desgosta. - O bem-estar e a felicidade são portanto negativos, só a dor é positiva.

Não conheço nada mais absurdo que a maior parte dos sistemas metafísicos, que explicam o mal como uma coisa negativa; só ele, pelo contrário, é positivo, visto que se faz sentir... O bem, a felicidade, a satisfação são negativos, porque não fazem senão suprimir um desejo e terminar um desgosto.

Acrescente-se a isto que em geral achamos as alegrias abaixo da nossa expectativa, ao passo que as dores a excedem grandemente.

Se quereis num momento esclarecer-vos a este respeito, e saber se o prazer é superior ao desgosto, ou se apenas se

compensam, comparai a impressão do animal que devora outro, com a impressão do que é devorado.

*(Schopenhauer - Dores do Mundo
Coleção Universidade Ed. Tecnoprint
Ltda Rio de Janeiro).*

Para Freud desejo é o movimento libidinal que se estabelece a partir da experiência de satisfação, que deixa uma marca mnêmica. Toda vez que retorna a necessidade, a libido tende a percorrer este caminho, tentando recarregar esta marca mnêmica buscando a identidade de percepção.

Para Freud a libido não traz em si a expectativa do objeto, fará uma colagem a ele, pois em sua teoria há uma prevalência do objetivo da pulsão (descarga) sobre o objeto. O objeto da experiência de satisfação será o objeto do desejo. Esta primeira experiência de um objeto que gratifica a pulsão libidinal marcará, mas o objeto só será reencontrado mais tarde, após um longo desenvolvimento de soldadura, onde as pulsões parciais se sobressairão umas sobre as outras e acabarão sendo unificadas sob a primazia da genitalidade.

Freud trabalha assim com um objeto da pulsão libidinal, embora em 1920 em "Além do princípio de prazer", reconheça a existência da pulsão de morte, entendida como pulsão em estado bruto; que são as excitações intensas, despertadas por estímulos internos e externos que atingem o aparelho psíquico, provocando agudas sensações de desprazer, porque não se encontram dominadas, isto é não vinculadas, não representadas, o que as dotaria de uma força mortal. E considera que esta fica silenciosamente dirigindo o indivíduo para morte e que só através da atividade da pulsão de vida é que esta força mortal será domesticada, através de um princípio regulador (princípio do prazer), que ligue que vincule, que de representabilidade psíquica a essa pulsão, a essa energia intensa e bruta. É para poder dominar essa força mortal que, a princípio essa será projetada para fora e aparecerá sob forma de impulsos destrutivos dirigidos contra objetos do mundo externo.

Mas já em 1915, antes mesmo de postular a pulsão de morte como opositora da pulsão de vida neste jogo dialético, já citava: "o ódio enquanto relação de objeto é mais velho do que o amor. Deriva

do repúdio primordial do ego narcísico ao mundo externo com seu fluxo de estímulos" (As pulsões e suas vicissitudes - 1915). Freud, já neste momento não considerava que existisse representação mental da pulsão de morte. Para Freud a memória não tinha vida, ganhava vida quando fazia ligação, quando carregada de afeto, investida libidinalmente e dotada de representação psíquica. Já Melanie Klein percebe que a memória a princípio é viva. Com isto ela dá mais profundidade a teoria econômica do psiquismo. O que caracteriza o inconsciente é a fantasia que é um processo dinâmico, contém o econômico mas se desloca dele.

Podemos entender em Melanie Klein que este desinvestimento, esta pulsão irrepresentável é substituída pela projeção no objeto, como forma de representá-la. E postula que toda projeção leva novamente a uma introjeção, de maneira que se situa dentro do sujeito, todos os objetos maus, desagradáveis e destrutivos que projetou no mundo externo. " Assim a destrutividade para com o objeto primário não é apenas como descreveu Freud um desvio da destruição de si para o exterior. O desejo de aniquilamento está desde o começo dirigido contra o objeto percebido, e o self que percebe, quase indistinguíveis um do outro " Hanna Segal.

Desta forma a teoria de Melanie Klein é simultaneamente uma teoria das pulsões e uma teoria das relações objetais, já que o sujeito e objeto a princípio são indistinguíveis. Estas relações objetais representadas e dramatizadas na fantasia inconsciente é a própria memória viva.

Nas concepções Freudianas, as pulsões regem o acontecimento psíquico sem estarem elas próprias diretamente presentes no aparelho psíquico, sendo apresentadas através das representações dos afetos. Para Klein as fantasias são o conteúdo primário dos processos inconscientes, têm uma relação fundamental com as vivências corporais, que se expressam nas imagens mentais e mais tardiamente em representações verbais. São elas que dirigem as pulsões rumo aos objetos. Constituem igualmente o estofo mental daquilo que é descrito como mecanismo. Se para Freud o psiquismo se estrutura sobre traços ideativos, para Melanie se faz sobre traços afetivos.

Para Melanie Klein a pulsão traz em si a expectativa do objeto e sua contribuição neste encontro será sua forma particular de reagir a ele e de constituí-lo. O primeiro objeto, o seio da mãe, não seria a partir disto, o seio da maternagem, mas sim o da mãe mítica. A mãe, a qual o bebê já trouxe em parte no nascimento, deixando a outra parte - a perceptiva - para ser construída neste relacionamento.

É como se o bebê viesse ao mundo com duas potencialidades já formadas. Algo como um campo para reagir ao seio bom e um para o seio mau, que poderia ser entendido respectivamente como a capacidade inata de usufruir e apreciar as boas experiências, e assim constituir um seio bom, e um baixo limiar de tolerância a frustração, somado a incapacidade de reconhecer seus desejos agressivos, que serão projetados no seio, constituindo-o como um agressor intencional. O que, em " Além do princípio do prazer", Freud denominou a dualidade pulsão de vida e pulsão de morte.

Como na concepção de Klein as pulsões são inerentemente ligadas a objetos, supõe-se que as relações com objetos externos tornem-se o foco da fantasia inconsciente logo que alguma forma de atividade mental seja possível.

Melanie situa a pulsão de morte numa posição central, como organizadora do psiquismo humano, justamente por ser fator de exigência de trabalho, por ameaçar invadir e aniquilar o ego no momento do nascimento, devido a desfusão das pulsões. A perda da unidade e homeostase com a mãe, mergulha o bebê num mundo abrasador de necessidades, ou em outras palavras, fica sujeito a estímulos externos e internos que não é capaz de dominar e de representar, interpretando como ameaça de morte. Enclinando o organismo a destruir esta percepção.

O primeiro movimento para se reassurar contra estes perigos que ameaçam o ego de dentro de si mesmo, é cindir o id e projetar parte da pulsão de morte no objeto. O quantum de pulsão de morte ainda livre dentro do organismo, se funde então à libido, caracterizando o sadismo.

O seio, como primeiro objeto que se oferece a satisfazer e apaziguar as necessidades que surgem

com o nascimento é o objeto por excelência que receberá o impacto da pulsão de morte e será constituído como um perseguidor externo e interno. Melanie Klein chama a atenção se este movimento de cisão do id não seria semelhante ao que Freud chamou de repressão primária, justamente porque nesta incorporação do objeto, ele vai se opor a morte psíquica do organismo, disto derivando que o primeiro objeto é um objeto superegótico, que tem força catéctica contra a pulsão de morte. A repressão primária faria a primeira exigência superegótica, impedindo o livre curso das pulsões e instituindo o desejo.

No entanto, não se pode esquecer, que para Freud a repressão primária ocorreria sobre a pulsão libidinal, impedindo-a de investir na memória, que realiza o desejo mas não satisfaz a necessidade, levando a morte do organismo. A repressão primária Kleiniana seria sobre a pulsão de morte, como uma suposição de que sem um anteparo à pulsão de morte, a vida não surgiria. O superego se constitui assim da mesma potência destrutiva que o id, e se dirige ao mesmo objeto que o id, se dirige ao ego-que tem uma escapatória, o objeto. É deste paradoxo que nasce o indivíduo.

Melanie começa assim num momento anterior à satisfação da necessidade. Começa na representação da própria necessidade e acredita que o desejo, que é montado em cima da experiência de satisfação e que projeta um seio inexaurível a ser cobiçado, já seria uma idealização em resposta as ansiedades persecutórias já vividas. "A idealização excessiva indica que a perseguição é a principal força propulsora" (Inveja e gratidão 1957).

Para Melanie a libido que atua desde o início, se manifesta como sustentáculo, dá possibilidade de criar um mundo mental, mesmo que este seja um cenário horrível de ameaças e usos de defesas extremas, onde aparentemente existe pouca representação da pulsão libidinal, mas é a libido que está propiciando estes esforços na tentativa de formar representações, de unir e compreender.

Então se para Freud o objeto é o objeto do desejo, da pulsão libidinal, para Melanie Klein o objeto é o objeto da pulsão de morte. O ego primitivo se vê submerso no conflito de necessitar o objeto que

odeia e teme, que deverá ser construído como objeto do desejo.

Este ego primitivo, confrontado com exigências tão vitais e tão contraditórias não teria outro recurso que não o uso de defesas precárias e extremas, como o mecanismo de cisão do objeto e dos impulsos, idealização e negação da realidade externa e interna, na tentativa de manter o mais separado possível seu objeto de necessidade do seu objeto de ódio. Embora em certa medida estas defesas aumentem grandemente o sofrimento, (já que na vigência da experiência com o seio ruim, exista amnesia do seio bom, que satisfaz, vivenciando o tempo do eterno presente) propicia, por outro lado, que frente a um ego tão primitivo, incapaz ainda de lidar com situações mais complexas possa ser conservada e plenamente vivenciada a experiência com o seio bom. Que não haja uma contaminação que torne impossível a diferenciação do bom e do mau.

Contudo nenhuma destas defesas preenche inteiramente o seu propósito, continuando ativa a ansiedade de ser interiormente destruído e pressionando no sentido de contínuas projeções e, portanto, a cada fantasia sádica específica, corresponde uma fantasia de ansiedade que lhe é idêntica em seus mínimos detalhes e na qual o sujeito sofre aquilo a que, nas fantasias sádicas, submete seu objeto.

Se esta primeira tentativa de defesa, primeira tentativa de investimento objetual ou de representação psíquica, este "splitting" organizador, não der conta, o ego pode recorrer ao desinvestimento objetual e fragmentar como forma de obter uma dispersão dos impulsos destrutivos, considerados como fonte de perigo.

Melanie Klein fala de momentos de fragmentação alternando-se com momentos de maior integração. Caso esta fragmentação seja muito intensa e profunda já se está no campo da psicopatologia, o que caracteriza o quadro da esquizofrenia.

Se é a constituição de um objeto bom que exerce desde o início uma influência fundamental sobre os processos de integração, de investimento libidinal objetual, atuando como ponto focal no ego, compensando de certa forma os processos de divisão

e dispersão, é, por outro lado a incapacidade de constituir firmemente este objeto que estaria na base da tendência à desintegração. A cisão constituinte do objeto bom e mau é substituída, então, pelo objeto extremamente idealizado e extremamente persecutório.

Klein é levada a pensar sobre isto e postula a inveja primária como a forma mais insidiosa de manifestação da pulsão de morte.

Parece que parte da agressividade inicial, proveniente da separação do bebê de sua mãe no nascimento, é experimentada como inveja, porque tudo que faz o bebê sentir-se confortável parece pertencer ao mundo externo - a mãe.

Começando pela necessidade do bebê, não há dúvidas de que ele deseja que façam parte de si os objetos gratificantes dos quais ele necessita para sobreviver. Sua descoberta inicial do aparecimento e desaparecimento do objeto irá incitá-lo a desejá-los como partes de si mesmo, do único modo que ele é capaz, o concreto. A frustração de não ser capaz de manter sempre o objeto consigo aumentará o seu desejo de possessão, que se alcançar grande intensidade, tornar-se-á voracidade. A frustração, a raiva e a ansiedade resultantes da não possessão dos objetos gratificantes desejados levará ao desejo de despojar o outro que contém os objetos desejados, pois o outro está agora num estado de não dor ou prazer, um estado anteriormente experimentado pelo bebê. O desejo não é apenas de possuir o objeto, mas de privar o outro, do mesmo modo como ele está privado. Isto é a inveja. A inveja ataca o outro na sua capacidade de ter prazer, de usufruir. A inveja suscita o ódio pelo objeto bom.

O objeto assim atacado perde seu valor. A inveja excessiva aumenta a intensidade destes ataques e sua duração, tornando mais difícil para o bebê a recuperação do objeto bom perdido. Quando estes estados negativos são transitórios o objeto é recuperado a cada vez. E com o desenvolvimento através dos processos de projeção e introjeção o ego vai paulatinamente rumo a uma maior integração.

Este outro momento, onde um ego mais integrado já pode conservar a memória do objeto bom, mesmo na vigência da experiência ruim,

coloca em evidência outras formas para lidar com a situação. O ego identifica-se então com este objeto bom e ainda é incapaz de reconhecer em si a prevalência de impulsos agressivos, que são colocados no objeto externo, justificando seus ataques a este.

É o momento de entrada no Édipo arcaico, pois a fantasia seguinte é que este seio bom que não veio está gratificando a outro. Esta frustração não é tolerada como uma falta objetiva e sim como um ataque sádico a ele. Pois, sob a regência de um superego ainda muito cruel e sádico, este incremento de dor, a percepção desta falta essencial, ativa fantasias de ataques sádicos e invejosos ao par das figuras parentais (ainda vistas como figuras parciais, seio-pênis) que são fantasiadas como dando uma à outra precisamente aquelas gratificações que o bebê deseja para si, num coito sádico. Estes pais atacados e destruídos na fantasia são introjetados como figuras superegóticas, aumentando o clima de persecutoriedade.

Nesta estrutura paranóica o sujeito é um alienígena de si, que só se reconhece no pavor deste inimigo e não supõe que este outro é também um desdobramento ou representante de suas pulsões. É a perseguição, por assim dizer, que garante a integração precária do "self".

É neste contexto, no auge das angústias persecutórias e contribuindo grandemente para isto, que começa a mudar a relação do sujeito com seu objeto. A percepção de que o objeto contém também o bom, que até então era impedida pelo incremento de dor e inveja que ocasionava esta percepção, vai se tornando inevitável. Isto, em última instância, é dado pela força constitucional da libido, que neste momento pode expressar-se livremente e impregnar o objeto. Um self mais coeso tem mais possibilidade de percepção interna e externa.

O estabelecimento deste campo mental de reação a um seio bom, que como já foi enfatizado depende, em grande parte, da bagagem que o bebê traz ao mundo, por outro lado pode ou não encontrar facilitador no ambiente. Só será favorecido se o bebê tiver um ambiente que o acolha e uma mãe que seja capaz de tolerar e conter as projeções da criança e intuitivamente compreender seus sentimentos.

Parece depreender da teoria da deflexão da pulsão de morte para o exterior que o objeto mau é, no essencial, constituído através da ejeção-projeção, ao passo que o seio bom coincide aproximadamente com aquele que é encontrado desde as primeiras mamadas. Nesta perspectiva, as imagens do seio bom e da boa mãe, mais próximas da realidade do que aquelas que apresentam o objeto como mau, devem se fundamentar nas experiências satisfatórias.

No entanto, a gratidão desencadeada pelo gozo é uma disposição inata e variável segundo os indivíduos. Ao mesmo tempo a gratidão surge apenas quando há satisfação e esta, por sua vez, só pode ser completa se a gratidão é experimentada. É o momento em que a interrelação do inato e da experiência vai se tornar constituintes da capacidade de investimento libidinal.

Portanto, quanto mais frequentemente é sentida e plenamente aceita a experiência de gratificação, mais firmemente se estabelece a figura de um seio bom ou a solidez do investimento libidinal objetual.

E, assim, neste momento, entrar em contato com a bondade do objeto é passar de um estado de indiferenciação com o objeto (onde este contém partes do sujeito e vice-versa) para um estado onde os dois são reconhecidos.

Porém, o clima interno de extrema persecutoriedade não se apaga quando começa a mudar a relação do sujeito com o objeto. Às angústias persecutórias se soma a preocupação pelo objeto, que o sujeito sente impossível de manter a salvo e do qual depende a própria vida. O início da posição depressiva é um somatório de angústias da posição esquizo-paranóide e posição depressiva. Em outras palavras, no momento em que for possível a constituição da representação psíquica, tanto do sujeito, quanto do objeto, através de todo um trabalho de investimento libidinal que é o momento de angústia máxima, já é possível reconhecer a bondade do objeto e se preocupar por ele, sentindo que pode destruí-lo até por sua voracidade. Recaindo, nestes momentos, rapidamente, em angústias paranóides frente a um objeto atacado. A voracidade pelo objeto se iguala aos ataques sádicos a este como fator de perigo. Pois no momento do reconhecimento da bondade do

objeto, surge algo que deve ser preservado e não se trata mais de se livrar do mau, mas de reter o que é bom. O que implica numa mudança nas defesas, de projeção para introjeção.

A voracidade pelo objeto faz malograr neste momento a identificação com um objeto bom e inteiro. Para não reconhecer a avassaladora dor de ter estragado o objeto bom, o sujeito tem duas saídas: identificar-se com o objeto estragado ou regredir a posição esquizo-paranóide.

Neste momento, o recurso da clivagem, assume a característica de preservar o objeto bom, sem que seja assimilada a dor de ser ameaçador para este, nem enfrentada a possibilidade da sua perda. O objeto mau é então quem ameaça o objeto bom identificado ao "self". No fundo, encoberto mas também revelado por estas defesas, está que o terror do "self" é o terror dos seus próprios impulsos, tanto de ódio destruidor, como de amor devorador.

O objeto neste momento, não é introjetado num clima de gratidão e sim num clima de necessidade dele e de ódio a isto. A ansiedade é entrar em contato com o horror de não sobreviver ao estado catastrófico da perda de um objeto essencial. É preferível ter dentro de si um objeto estragado do que se separar deste. É a melancolia, onde todo trabalho de investimento é enfraquecido, tornando-o danificado.

O objeto idealizado é conservado até em contraposição a este objeto tão danificado e sem valor e ocupa a posição de um superego extremamente exigente que cobra do sujeito uma reparação perfeita e impossível. No excesso desta exigência se trai a emanção do objeto perseguidor e sádico.

Submerso em angústias insuportáveis o ser em constituição tenta inverter o sentido de tudo, tentando uma identificação com o objeto ideal. Nega que possa ter danificado um objeto de importância vital e tê-lo perdido para sempre, através da negação de qualquer uma das partes da asserção: " não danificou", " o objeto não tem importância" ou " é fácil recuperá-lo". É uma tentativa de reparação feita de forma mágica e onipotente. Mesmo sendo uma saída precária para as angústias é de certa forma mais propiciadora que a identificação melancólica.

O movimento da mania é o momento virtual da formação de símbolos, com sua troca de objetos e aumento do campo psíquico. As figuras vão se distanciando das figuras originais, embora seja o sadismo ainda operante que pressiona para, na emergência do reconhecimento da bondade no objeto, distribuir esta relação sádica com vários objetos e portanto diminuir a intensidade com o objeto original.

A entrada na posição depressiva envolve este momento onde se oscila rapidamente de angústias paranóides para movimentos melancólicos e maníacos. No entanto, a mudança radical na percepção do objeto, as mudanças concomitantes na estrutura do "self" e nas defesas a que o ego recorre, justifica para Melanie Klein o nome de posição depressiva e não melancólica-maníaca em contraposição a esquizo-paranóide. Embora a posição depressiva que se inicia, não se expresse como tal, manifestando-se primeiro como movimentos melancólicos-maníacos.

A experiência da posição depressiva, envolve a tolerância à dor da perda do objeto, que é conservado como um objeto bom. Tanto o movimento melancólico, como o maníaco tem por finalidade, evitar a renúncia ao objeto bom, (a percepção deste como um objeto separado de si) e se se evita é porque já se foi marcado por ela.

A grande tarefa da posição depressiva é sustentar este objeto inteiro introjetado. A unificação do objeto de amor e do objeto de ódio coloca o indivíduo diante da realidade psíquica de sua ambivalência e faz com que tema a perda definitiva do objeto unificado (perda que é um prolongamento do temor arcaico de um desaparecimento definitivo do seio bom).

As ansiedades e as relações de objeto sádicas e persecutórias são ainda em grande parte, responsáveis pelo sofrimento psíquico neste luto. A perda do objeto desperta simultaneamente a culpa em relação a ele e o medo de que retorne de forma persecutória. A dor é causada pela percepção de um mundo interno em perigo de deterioração e colapso e o maior perigo está na transformação de amor em ódio contra o objeto perdido, que se expressa pelo sentimento de triunfo sobre ele. Este elemento maníaco tem por efeito retardar o trabalho do luto.

Esta vitória sobre o objeto perdido, além do fato de provocar a culpa e o temor do Talião, bloqueia a idealização, processo intermediário, mas essencial no luto normal, que permite manter a convicção de uma natureza boa (não retaliadora e persecutória) do objeto perdido. É a constituição do objeto da necessidade em objeto do desejo.

O alívio do luto provém, essencialmente, da atuação dos mecanismos de reparação, que permite a reconstrução de um mundo interior harmonioso, tornando bons os objetos cuja vingança era temida. Dá assim uma saída exitosa e criativa ao afeto. Como resultado desta reconciliação interior tem-se que a "diminuição do ódio e do temor permite então que a tristeza se manifeste em toda sua força" (...) "e assim, quando a tristeza é experimentada com toda a intensidade e o desespero alcança seu ponto culminante, brota o amor pelo objeto e o enlutado sente mais intensamente que a vida continuará existindo apesar de tudo no interior assim como no exterior, e que o objeto amado perdido pode ser conservado internamente" (O desmame - 1936), agora como símbolo, que é o que fica dentro do indivíduo no lugar do objeto que aceitou perder, que o reconheceu como autônomo.

O objeto total, agora sustentado como um objeto do desejo e investido libidinalmente se presta a ser representado simbolicamente, como uma presença no mundo interno, porque se quer retê-lo e se reconhece como separado.

A constituição do símbolo requer um reconhecimento mais realístico do objeto que passa a ser visto como um objeto total e distinto do self. Isto implica numa diferenciação crescente entre mundos e objetos internos e externos, e dá origem à qualidade ambígua dos símbolos, à sua natureza metafórica, na qual eles são reconhecidos como possuindo suas próprias qualidades e ao mesmo tempo representando algum outro objeto com propriedades e atributos inteiramente diferentes. É o momento de constituição da linguagem e entrada na cultura. É o momento em que a memória não precisa ser atuada (memória viva) mas vive na representação psíquica.

Mas até este momento da constituição de uma linguagem metafórica existe todo um processo que é intermediado pela equação simbólica, onde o

sujeito já marcado pela percepção do espaço entre si e o objeto, a utiliza justamente para negar a separação. Na equação simbólica existe uma "igualização" do símbolo com a coisa simbolizada, resultando em o símbolo ser tratado como se fosse realmente o objeto original.

Alguns seguidores da obra de Melanie Klein, como Bion, Rosenfeld e Beth Joseph se interessaram em desenvolver o conceito de identificação projetiva, enfocando-a como o enraizamento mais arcaico da linguagem que agora se expressa como linguagem simbólica.

Partiram de colocações da própria Melanie Klein em "Notas sobre alguns mecanismos esquizóides" - 1946, onde fala da importância do emprego excessivo de cisão e identificação projetiva na produção de uma personalidade muito perturbada. Existindo, portanto, o pressuposto de que haja um grau normal de identificação projetiva sem definir os limites em que se situa esta normalidade.

Rosenfeld desenvolve que este mecanismo psicótico parece constituir uma distorção ou intensificação do relacionamento infantil normal - baseado em comunicação não verbal entre o bebê e a mãe - na qual impulsos, partes do self e ansiedades difíceis demais para o bebê suportar são projetados para dentro da mãe, que se for capaz de contê-las de tal modo que percam sua qualidade assustadora ou insuportável, podem tornar-se significativas pela capacidade de serem traduzidas em palavras. Esta situação, segundo Rosenfeld, parece ser de fundamental importância para o desenvolvimento de processos introjetivos e para o desenvolvimento do ego.

Bion pensa o elo de ligação entre o bebê e o seio na dependência da identificação projetiva e da capacidade de introjetar a identificação projetiva. A negação do uso deste mecanismo, seja pela recusa do objeto em servir de receptáculo dos sentimentos do bebê ou pelo ódio e inveja deste, que não pode permitir que o objeto exerça esta função, leva a uma destruição do elo de ligação entre o bebê e o seio e, conseqüentemente, a uma grave perturbação do impulso para ser curioso, do qual depende toda a aprendizagem, o que torna impossível o desenvolvimento normal.

Betty Joseph coloca que se o objeto não pode ou não contém as projeções, o indivíduo recorre a uma identificação projetiva cada vez mais intensa. A reintrojeção é realizada com uma força equivalente, e através desta intensa reintrojeção o indivíduo tem dentro de si um objeto interno que não aceitará projeção, que é onisciente, moralizante e não está interessado na verdade e no teste de realidade. O indivíduo se identifica então com este objeto interno que obstinadamente compreende mal e monta o cenário para psicose. Betty Joseph desenvolve também que provavelmente a identificação projetiva nunca é totalmente abandonada, embora, neste sentido não envolva mais a completa excisão e a recusa a assumir partes do "self" tornando-se então menos absoluta, mais temporária e mais capaz de ser retomada pela personalidade do indivíduo e assim constituir a base da empatia.

Podemos pensar assim a identificação projetiva como a comunicação caracterizada pela linguagem dos afetos, uma linguagem viva, corporal. É um princípio de simbolização porque o objeto representa ao sujeito, mas é vivenciado como exterior a si, não há contorno para o mundo interno, o qual engloba o que está fora.

Se considerarmos que a teoria de Klein é simultaneamente uma teoria das pulsões e uma teoria das relações objetais, não poderíamos pensar que também é simultaneamente uma teoria da linguagem?

AUSÊNCIA

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, que rio e danço e invento exclamações alegres, porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba mais de mim.

("O corpo" - Carlos Drummond de Andrade).

BIBLIOGRAFIA

- A obra de Hanna Segal - Hanna Segal
- A pulsão de morte - Yorke, Rechartt, Segal, Widlocher, Ikonem, Laplanche, Green.
- Dicionário do Pensamento Kleiniano - Hinshelwood.
- Melanie Klein - Evoluções
- Melanie Klein - Inveja e gratidão
- Melanie Klein Hoje - Volumes I e II
- Melanie Klein - Novas tendências na psicanálise.
- Melanie Klein - Os progressos da psicanálise.
- Melanie Klein - Contribuições à psicanálise.

- Melanie Klein I e II - Jean Michel Petot.

- O desenvolvimento clínico de Melanie Klein - Donald Meltzer.

- Dores do mundo - Schopenhauer.

- O corpo - Carlos Drummond de Andrade.

- Freud - O movimento de um pensamento - Luiz Roberto Monzani.

AUTORES:

Lindalva Heitor de Mendonça Westin

Maria Cristina Webby

Maria Dulce T. Tournieux

Mildred Kum Wai Chui

(Alunos do 3º ano do Curso de Formação em Psicanálise).